



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **ENTRE SABERES E TRADIÇÕES: A EDUCAÇÃO QUE PERPASSA O COTIDIANO DOS MORADORES DA COMUNIDADE TABULEIRO DO MATO –PI**

João Antônio de Sousa Lira

*Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Email: [joao.lira.antonio@hotmail.com](mailto:joao.lira.antonio@hotmail.com)*

Manuela Cristina Carreiro Moura

*Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Email: [manuela.m3@hotmail.com](mailto:manuela.m3@hotmail.com)*

**RESUMO:** Este texto faz parte da minha pesquisa de monografia que versa sobre a educação dos moradores do Campo da Comunidade Tabuleiro do Mato-PI, em uma perspectiva histórica, utilizando como fonte de pesquisa a memória. Teve por objetivo geral analisar o contexto educacional dos moradores da comunidade do Tabuleiro do Mato-PI a partir de memórias e narrativas referentes ao período de 1950-1980. Este artigo traz uma discussão de categorias emergentes da pesquisa que emergiram da fala dos sujeitos de pesquisa tais como: divisão do trabalho por gênero, os saberes da tradição oral e a religiosidade como traço marcante do morador do campo. Assim trazemos algumas características marcantes da comunidade no período de 1950-1980, que podem contribuir para a compreensão das diversas formas de educação que perpassam o cotidiano dos moradores e que são importantes quando pensamos em uma forma de escola que respeite a cultura local.

Palavras-Chave: Memória. Saberes Populares. Educação.

### **Introdução**

Compreender os fenômenos educativos requer ampliar o olhar sobre as concepções de educação, visando fugir de reducionismos e visões unilaterais. Nesta perspectiva, somos eternos aprendizes e a educação se confunde com a própria vida, pois ela “é como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções sua cultura, em sociedade”. (BRANDÃO 2007, p. 10). No dizer de Brandão a educação é constituída de acordo com o modo de vida cotidiana das pessoas, que criam suas condições e as reproduzem.

Estudiosos como Carlos Rodrigues Brandão (2007) e Maria da Glória Gohn (2010), defendem que a educação ocorre em outros espaços além do âmbito escolar, desse modo, é



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

necessário conhecer como dentre outros modos, se constituiu o processo educacional (escolarizado ou não) a partir das vozes de quem as vivenciou. Nesse sentido, é no mínimo interessante dar voz e vez aqueles que para mim protagonizaram um trabalho incessante diretamente ligado ao campo, a terra, aqueles que na labuta diária manifestaram uma relação prática com o “sertão”. Dessa forma tivemos três sujeitos de pesquisa da comunidade: Dona Rosa, Seu Vitor e Dona Maria José.

Utilizamos como fonte de pesquisa a memória dos moradores, sendo que a memória aqui é entendida como elemento que possibilita a percepção do local, dos outros e de si, ou seja, uma memória que além de individual, seja uma “memória coletiva” (HALBWACHS, 1990). Utilizamos como metodologia a História Oral, pois, acreditamos que a mesma é a aventura da vida humana no tempo. Sendo assim, a história oral é um elemento primordial para entender o passado dos moradores do Tabuleiro do Mato, pois, vai privilegiar as narrativas como elemento primordial para construir um mosaico educacional no período estabelecido. De acordo com Thompson (1992, p.45) “o uso da expressão “história oral” é novo, tanto quanto o gravador; e tem implicações radicais para o futuro. Isto não significa que ela não tenha um passado, na verdade, a história oral é tão antiga quanto a própria história, ela foi a primeira espécie de história”. Para o mesmo autor nas sociedades pré-letradas toda a história era história oral. Thompson (1992) assinala que há muitas possibilidades do uso da história oral na sociedade, inclusive para pesquisas.

### **O que as memórias nos trazem sobre as atividades realizadas na comunidade...**

Tentamos aqui visualizar o cotidiano do morador do campo para compreender quais eram as suas aprendizagens e como elas se processavam. Assim, para o homem a vida seguia o seguinte ritmo:

Existia vaqueiro [...] só vaqueiro. Quando saía do vaqueirismo ia pra roça [...] Aí quando eu andava... Quando eu num tava no vaqueirismo tava na palha. [...] Primeiramente no inverno eu trabalhava na roça. Agora em junho, até junho. Aí é onde eu ficava e ia mais o velho pro campo. Mais ele. Aí



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

quando em julho desse mês, eu ia pra palha, fazer uma [...] ai eu levava os trabalhadores, a gente tirava a palha, batia... Fui vaqueiro, trabalhava de roça. E trabalhava na palha. As mulheres faziam só a comida. Não as mulheres não iram pra roça não [...] nem criar os animal, [...] Não elas... às vezes quando a gente saía, a mulher ia dar água aos animal. ( Sr. Vitor)

Na versão feminina:

Eu só trabalhava mesmo na roça, e, e assim gado, ovelha, bode, tudo isso nós *criava*. Agora só que nos não tamos mais tendo, só o vergaio.[...] Meu dia era levantar 4 ou 5 h da manhã pra poder pegar água, um tempo era aqui, outro tempo era no Tabuleiro do Mato, panhava no jumento e panhava na cabeça que só uma cangalha só não dava pra nada, tinha uns bixim ai dando água na vasilha.[...] Eu trabalhava só de roça mesmo. Em casa eu gostava de fazer umas costurinhas. [...] A costura tirei da minha cabeça mesmo nuca fui na casa de nenhuma aprender não, mas eu só não faço calça de homem que é que nunca botei pra fazer, que o veio já compra feita, mais vestido, essas outras coisinhas tudim eu faço. (Dona Rosa)

A gente fazia horta, canteiro pra ajudar, mais era os pais que assumiam as filhas... dentro de casa [...]meu dia de trabalho era [...] eu pisava de manhã, eu pisava *mii* pra dá de comer dezoito homem, vinte... eu pisava, pra fazer o cuscuz de manhã. Eu pisava essa hora, eu tava pisando pra fazer almoço. De tarde eu pisava milho pra botar de molho, pisava arroz pra fazer janta. Eu pisava por dia dois pilão de arroz, dois pilão de milho. [...] Era pros trabalhador de casa... e meus irmão, meus tios. (Dona Maria José)

Ao invocar as atividades realizadas na comunidade, observamos que Sr. Vitor a principio se identifica como vaqueiro, deixando as outras atividades realizadas por ele à segundo plano, só depois de rememorar ele se identifica como trabalhador de roça e trabalhador da palha de carnaúba. É interessante notarmos que os saberes populares perpassam a rotina das atividades realizadas, uma vez que, durante o ano existem momentos próprios para plantar e colher a palha de carnaúba. Quando se refere às atividades realizadas pelas mulheres ele diz que elas não faziam nada, só cuidavam da casa.

No entanto, nas falas de Dona Rosa e Dona Maria José, fica evidente que as mesmas tinham atividades próprias além daquela de cuidar da casa. Neste sentido concordamos com Samara Mendes Araújo Silva (2010, p. 242) quando ela afirma que “a sociedade ruralizada,



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

estigmatizada pelo machismo e patriarcalismo seria responsável por definir, exigir e reforçar estes papéis tradicionais imputados e assumidos pelas mulheres”. Dona Maria José, por exemplo, cuidava do preparo da alimentação dos irmãos, tios, trabalhadores da casa. Embora, essa fosse uma atividade doméstica, se trata de um trabalho importante no âmbito familiar, trabalho este desconsiderado pelo modelo machista da sociedade da época.

Dona Rosa, além de cuidar dos trabalhos domésticos, trabalhava na roça, apanhava água para as atividades laborais da casa, costurava, no entanto, a mesma era vista e se reconhecia como uma mera coadjuvante do marido. Assim, as próprias mulheres “reconstroem e reconstituem paulatinamente e cotidianamente a identidade feminina piauiense atrelada aos espaços domésticos e privados e ao exercício das funções de esposa e mãe, secundarizando as demais atividades que, por ventura a mulher venha a desempenhar” (SILVA, 2010, p. 243).

Foto1- Máquina de costurar de Dona Rosa.



Fonte: Arquivo do Pesquisador (2013).

Podemos perceber que as atividades realizadas por homens e mulheres eram distintas, e embora as mulheres realizassem algumas atividades de caráter específico da época para os



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

homens, as mesmas não passam de mão de obra auxiliar para seus pais, esposos e para a comunidade.

Cabe também destacarmos que neste contexto, a educação figura como aprendizagem voltada para a prática da subsistência, tendo como princípio básico o aprender a fazer, habilidades aprendidas através da observação, típica das sociedades mais tradicionais, discutidas por Borges (2015) e Brandão (2007) e que apresentamos no segundo capítulo.

### Religiosidade e memória

A princípio, discutir sobre a religiosidade da comunidade não estava em nossos objetivos, porém a pesquisa nos surpreende e muitas vezes não sabemos o que vamos encontrar, esta pode ser um campo minado ou um campo a ser adubado, plantado, assim, como a memória. Dessa forma, a religiosidade das duas mulheres ouvidas emergiu como elemento distintivo da cultura da comunidade pesquisada, uma vez que faz parte da memória coletiva do grupo e que por isso não poderia ser descartada neste estudo. De acordo com Oliveira e Junior (2011, p. 75) “descrever um passado de um grupo social seria tarefa árdua se não fosse a memória de seus viventes, que em um processo de interação armazenam detalhes de suas experiências”. Assim,

Eu festejava o coração de Maria, era eu que sentava tudo, eu sustentava tudo. Eu tinha um oratório parece que deram foi um queda no meu oratório. Rezava todos os anos o coração de Maria e o festejo todo ano, o natal tem vez que eu tiro o terço[...]Vou cantar a cantiga da roda de são Benedito “*♪ São Benedito♪..*” Não to mais lembrado da cantiga. Já meti outra musica (risos) meti foi a da roda, uma cantiguinha mesmo “*♪são Benedito, foi cozinheiro, ele é um santo de Deus verdadeiro. São Benedito, foi cozinheiro, esse é um santo de Deus verdadeiro... O me valei meu são Benedito, o me valei-me aqui nessa hora, o me valei-me meu são Benedito... ♪ Viva São Benedito! Viva Nossa Senhora, Viva Jesus!*”. Tem São Gonçalo também, irmão de São Benedito tudo é junto só canta no dia que faz a promessa, ai faz a promessa com São Benedito pra cantar pra São Benedito, e também pra são Gonçalo que são irmãos. [...] Agora também não ta tendo São Benedito não, são Benedito era uma graça pra todo mundo, agora ninguém quer mais... (Dona Rosa)



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Foto 2- Dona Rosa cantando a roda de São Benedito e batendo a bacia no ritmo.



Fonte: Arquivo do Pesquisador (2013).

Nós tinha um grupo de moças... de gente [...] nós aprendia nos catecismos [...]Aquele canto que era da Igreja, aquele que era lindo que a gente cantava... cantava na igreja, cantava na escola, aquele: “♪ Queremos ter, quer...♪” sei mais não“♪ Queremos Deus que é nosso amor, queremos Deus em [...]♪”... Sei mais não. [...]Veio um mulher de Brasília pagar uma promessa aqui. Ai elas, “Filha como é que você aprenderam a ladainha, a ladainha” como é que elas chamam, a ladainha em latim. “Como é que você aprenderam?” eu disse: “Estudando! Aprendendo em latím.”[...] Deixa eu ver, busca uma toalha ai pra mim, a [...] mais velha que eu sei. “♪ santa maria, santa [...] vir do divino. Ora por nós, bri por nós pobres. Martere em critias, martem divine em gracié, martem por cris. Martem por issemá. Ora



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

por nobres, ora por pobres.♪”[...] A gente aprendeu com os adorem...Os adorem a gente compra; vinha dos padres. (Dona Maria José)

Percebemos então que Dona Rosa passa da identidade de uma “*velha*” com Alzheimer para um sujeito de pesquisa que evoca suas memórias, e se mostra uma guardiã dos saberes populares, das cantigas de rodas e dos saberes “místicos”, assim como Dona Maria José. Fica evidente nas narrativas acima, que essa tradição na comunidade está se perdendo. A educação do campo do modo como está organizada descaracteriza esses saberes populares regionais e tradicionais, em prol de uma cultura elitizada, totalmente “letrada”, tendo em vista que nas décadas de 1950 a 1980 a tradição oral na comunidade ainda era muito utilizada para repassar esses saberes.

Entendemos esses saberes, essas manifestações culturais como “conhecimentos e técnicas peculiares compartilhados espontaneamente por um povo, e o conjunto destas manifestações culturais constituem o que se denomina de cultura popular” (OLIVEIRA; FERRO, p. 85). Sendo assim, as cantigas de rodas lembradas por D. Rosa, o latim vulgar lembrado por D. Maria José, fazem parte desse encantamento que chamamos de cultura popular, uma cultura que emerge do meio do povo, e que se enraíza nas entranhas da comunidade. Esta cultura, um bem comum passada de gerações para gerações, que no entanto, devido ao descrédito atribuído a tradição oral, esta se perdendo. Ao falar da tradição oral Jules Michelet (Apud, Thompson 1992, p. 45), diz que é “aquela que permaneceu espalhada de modo geral na boca do povo, que todos diziam e repetiam, camponeses, gente da cidade, velhos, mulheres, até mesmo crianças”. Essa tradição oral que está sendo perdida na comunidade.

Thompson (1992) ao analisar a história oral nas sociedades letradas diz que essa foi rebaixada, uma vez que a disseminação da documentação tornou supérfluos os momentos públicos de revelação histórica, desse modo “a memória foi rebaixada do *status* de autoridade pública para o de um recurso auxiliar privado”. (THOMPSON, 1992, p. 50). A história oral, como local de pertencimento de grupos, foi aos poucos deixando seu caráter social, uma vez



que na sociedade letrada ela é utilizada muitas vezes com um bem privado. O mesmo autor adverte que,

Em geral, apenas entre grupos de menos prestígio, tais como crianças, os pobres, as pessoas isoladas no campo, é que hoje se coletam outras tradições orais, tais como jogos, canções, baladas e narrativas históricas. E as mais vigorosas recordações comunais são as de minorias perseguidas. (THOMPSON, 1992, p. 51)

Assim, notamos ainda forte influência da cultura jesuítica na comunidade, uma vez que a ladainha cantada em latim por Dona Maria José, foi herança cultural dos jesuítas, passada de geração para geração, pois a mesma nos diz “*que uma tia pelo lado da minha mãe disse “é latim. Aqui é ladainha”. Ai cantou pra mim... ai eu “eu quero aprender tia”.* Dessa forma, notamos a força da tradição vivenciada nas décadas de 1950, 60, 70 e meados de 1980. Saberes viscerais que dava o sentimento de permanência dos indivíduos no grupo e que geralmente é desprezado pelo currículo das escolas formais.

Foto 3 – Dona Rosa benzendo o pesquisador



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Fonte: Arquivo do Pesquisador (2013).

Desse modo, como pesquisador e como pessoa humana, não poderia deixar de acreditar na força dos saberes populares. Dona Rosa pediu autorização para me benzer, segundo ela “*fazer uma oração forte pra afastar as coisas ruins*”, então me permiti entrar nesse universo, não mais como pesquisador da história desse povo, mais como um ser que acredita antes de tudo na força da oração, da tradição, dos costumes simples que emanam do povo.

## **Considerações finais**

Percebemos outra educação e outra aprendizagem imbricada nos fazeres cotidiano. Uma aprendizagem prática, calcada nas diferenças das tarefas masculinas e femininas e que é importante para a coesão do grupo. Da mesma forma, descobrimos a riqueza dos saberes e conhecimentos repassados pela tradição oral e que empodera de certa forma o papel feminino,



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

como donas de um tipo de saber místico e que é de poucos. Assim, para nós soa estranho, senhoras do campo cantar em latim

Percebemos ainda as marcas históricas dos nossos colonizadores que se expressam através de uma religiosidade católica, ainda que ressignificada pelo povo. Assim, são esses saberes que a escola muitas vezes não considera no âmbito da sala de aula, são esses saberes históricos que ficam para o segundo plano. Aqui, algumas indagações surgem: como a escola do campo utiliza esses saberes para a construção do conhecimento, para o melhor desenvolvimento do ensino e aprendizagem? Como a escola do campo faz o resgate cultural de sua comunidade? Porque esses saberes não são tão discutidos no âmbito da educação formal? Seria por que a escola capitalista não está interessada pela cultura, mas sim pela a qualificação de mão de obra? Não teremos respostas para essas questões de imediato, mas, é preciso mergulhar a fundo para tentarmos responder essas indagações que nos tira o sono.

### REFERÊNCIAS

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GONH, Maria da Glória. **Educação não formal e educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

HALBWASCHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

OLIVEIRA, Stanley Braz de; JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos. A religiosidade Católica em Santa Cruz dos Milagres- PI como reflexo da Memória Coletiva, In: JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos; VASCONCELOS, José Gerardo; SILVA, Márcio Iglésias Araújo. **Espaços e Tempos de Aprendizagens: geografia e educação na cultura**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

OLIVEIRA, Vilma da Silva Mesquita; FERRO, Maria do Amparo Borges. Educação e Cultura Popular no Piauí: entre lendas, danças e canções, In: FERRO, M<sup>a</sup> do Ampara Borges; NASCIMENTO, Francisco de Assis Sousa; SOUSA, Lourenilson Leal de. **História da Educação: novos olhares velhas questões**. Teresina: EDUFPI, 2009



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SILVA, Samara Mendes Araújo. Guardiãs da História: mulheres idosas e a preservação da memória familiar, In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; MATOS, Kelma Socorro Alves de; et. al. **Educação e Diversidade Cultural**. Fortaleza: Edições UFC, 2010

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.